



“Um lindo livro de memórias que
evoca as grandes obras de Anne Frank
e Viktor Frankl. Muito mais que um
livro: uma obra de arte.”

– ADAM GRANT, autor de *Originais*

EDITH EVA EGER

A BAILARINA DE AUSCHWITZ



SEXTANTE

Prefácio

Por Philip Zimbardo, Ph.D.*

Numa primavera, a convite do psiquiatra-chefe da Marinha dos Estados Unidos, a Dra. Edith Eva Eger embarcou num avião de combate sem janelas para um dos maiores navios de guerra do mundo, o porta-aviões USS *Nimitz*, fundeado ao largo da costa da Califórnia. O avião desceu em direção a uma pista curta de 150 metros e aterrissou com o solavanco do gancho de retenção da cauda se encaixando no cabo de travamento, que o impediu de cair no oceano. Única mulher a bordo, a Dra. Eger foi acomodada na cabine do capitão. Qual era sua missão? Ela estava lá para ensinar cinco mil jovens marinheiros a lidar com a adversidade, o trauma e o caos da guerra.

Em incontáveis ocasiões, a Dra. Eger foi a especialista clínica designada para tratar dos soldados, incluindo os das Forças de Operações Especiais, que sofriam de transtorno de estresse pós-traumático e lesões cerebrais.

Antes de conhecer a Dra. Eger pessoalmente, telefonei para convidá-la a fazer uma palestra no curso de Psicologia do Controle da Mente ministrado por mim em Stanford. Sua idade e seu tom de voz me levaram a imaginar uma vovozinha do Velho Mundo com um lenço amarrado na cabeça por um laçarote embaixo do queixo. Quando ela se dirigiu a meus alunos, percebi seu poder de cura. Com um sorriso radiante, brincos brilhantes, cabelos dourados, vestindo Chanel da cabeça aos pés (conforme minha esposa me contou depois), ela descreveu tenebrosas e angustiantes histórias de sobrevivência nos campos de extermínio nazistas de maneira bem-humorada, exalando uma presença que só consigo descrever como pura luz.

A vida da Dra. Eger foi pontuada por tragédias. Ela foi presa em Auschwitz quando era apenas uma adolescente. Apesar da tortura, da fome e da constante ameaça de morte, conservou a liberdade mental e espiritual. Não se deixou abater pelos horrores que sofreu e saiu fortalecida pela experiência. Na realidade, sua sabedoria é resultado dos episódios mais traumáticos que viveu.

Ela é capaz de ajudar outras pessoas a se recuperar porque conseguiu passar sozinha do trauma à vitória. Ela descobriu como usar sua experiência com a crueldade humana para levar aos outros a chance de encontrar a própria luz. Seus ensinamentos já ajudaram militares (como aqueles a bordo do USS *Nimitz*), casais tentando reencontrar a intimidade, pessoas que foram negligenciadas, agredidas, que são viciadas ou doentes, que perderam entes queridos ou simplesmente a esperança. E podem ajudar a todos nós que enfrentamos diariamente as decepções e os desafios da vida. Sua mensagem nos inspira a fazer nossas próprias escolhas e a nos libertar do sofrimento.

No fim da palestra, todos os meus trezentos alunos se levantaram espontaneamente para aplaudir. Depois, pelo menos cem jovens lotaram o pequeno palco, esperando sua vez para agradecer e abraçar essa mulher extraordinária. Em todas as minhas décadas como professor, nunca vi um grupo de estudantes tão entusiasmado.

Ao longo dos vinte anos em que eu e Edie trabalhamos e viajamos juntos, essa é a reação que me acostumei a testemunhar de cada público ao qual ela se dirige. Desde um encontro motivacional em uma cidade de Michigan, nos Estados Unidos, quando conversamos com um grupo de jovens que enfrenta pobreza, desemprego e um conflito racial crescente, até Budapeste, na Hungria, local em que muitos de seus parentes morreram e onde ela falou para centenas de pessoas que tentavam se recuperar de um passado doloroso, eu vi isso acontecer repetidas vezes: as pessoas se transformam na presença de Edie.

Neste livro, a Dra. Eger mistura histórias de transformação dos pacientes com sua marcante experiência em Auschwitz. Mas não foi apenas sua história dramática e arrebatadora que me fez querer compartilhar este livro com o mundo. Foi, sim, o fato de Edie usar suas experiências para ajudar as pessoas a descobrir a própria liberdade. Nesse sentido, seu livro

vai muito além de uma memória do Holocausto, por mais importantes que esses relatos sejam para lembrarmos o passado. Seu objetivo é ajudar cada um de nós a escapar da prisão da própria mente. De certa forma, todos somos prisioneiros, e a missão de Edie é nos ajudar a entender que, assim como agimos como nossos próprios carcereiros, também podemos nos tornar nossos próprios libertadores.

Quando é apresentada ao público jovem, muitas vezes Edie é chamada de a “Anne Frank que não morreu”, porque ambas tinham origem e idade parecidas quando foram deportadas para os campos de concentração. As duas jovens encarnam a inocência e a solidariedade que nos fazem acreditar na bondade intrínseca do ser humano, a despeito da crueldade e da perseguição a que foram submetidas. Obviamente, no momento em que Anne Frank escreveu seu diário, ela ainda não tinha passado pela dureza dos campos, o que torna as observações de Edie como sobrevivente e psicóloga clínica (e ótima avó!) especialmente emocionantes e convincentes.

Assim como outros livros importantes sobre o Holocausto, este mostra tanto o poder da maldade quanto a força indomável do espírito humano diante dela. Mas ele vai além. Talvez o melhor livro para comparar com o de Edie seja outra memória do Holocausto, o brilhante clássico de Viktor Frankl, *Em busca de sentido*. A Dra. Eger compartilha o profundo conhecimento da humanidade de Frankl, mas acrescenta o entusiasmo e a intimidade de uma vida como psicóloga clínica. Frankl apresentou a psicologia dos prisioneiros que estavam com ele em Auschwitz. A Dr. Eger nos oferece a psicologia da liberdade.

Em meu trabalho, estudei por muito tempo os fundamentos psicológicos das formas negativas de influência do meio social sobre o indivíduo. Procurei entender os mecanismos através dos quais nos conformamos, obedecemos e resistimos em situações em que a paz e a justiça só podem ser atingidas se escolhermos o caminho da ação heroica. Edie me ajudou a descobrir que o heroísmo não é privilégio apenas daqueles que realizam façanhas extraordinárias, ou que assumem riscos para proteger a si mesmos e aos outros – embora ela tenha feito as duas coisas. Mais que isso, o heroísmo é uma mentalidade, ou o acúmulo de nossos hábitos pessoais e sociais. É um jeito de ser. Um jeito especial de ver a si mesmo. Ser herói

pressupõe agir decisivamente nos momentos críticos da vida, tentar resolver as injustiças ou criar uma mudança positiva no mundo. Ser herói também exige grande coragem moral. Cada um de nós tem um herói interior esperando para ser revelado. Somos todos “heróis em desenvolvimento”. Nosso treinamento para o heroísmo é a vida, as circunstâncias cotidianas que nos convidam a cultivar os seguintes hábitos: realizar ações de bondade diariamente, demonstrar compaixão, começando com a autocompaixão, revelar o melhor dos outros e de nós mesmos, conservar o amor inclusive nos relacionamentos mais desafiadores e celebrar e exercitar o poder de nossa liberdade mental. Edie é duplamente heroína porque ensina as pessoas a amadurecer e a criar mudanças significativas e duradouras em si mesmas, em seus relacionamentos e no mundo.

Há dois anos, Edie e eu viajamos para Budapeste, cidade onde a irmã dela morava quando os nazistas começaram a prender os judeus húngaros. Visitamos uma sinagoga que havia no pátio de um memorial do Holocausto, com paredes cobertas por uma lona com fotografias de antes, durante e depois da guerra. Fomos ver o memorial “Sapatos às margens do Danúbio”, a exposição permanente de esculturas de sapatos instaladas numa das margens do rio Danúbio em homenagem aos judeus, inclusive alguns familiares de Edie, assassinados por militantes do Partido da Cruz Flechada, um grupo húngaro de inspiração nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Obrigadas a ficar em pé na beira do rio e a tirar os sapatos – seus bens mais valiosos –, elas eram baleadas e seus corpos jogados na água para serem levados pela correnteza. O passado parecia palpável.

Ao longo do dia, Edie foi ficando cada vez mais quieta. Eu me perguntei se ela teria dificuldade em falar para um público de seiscentas pessoas naquela noite depois de uma jornada emocional que certamente havia revolvido memórias dolorosas. Mas, quando ela subiu ao palco, não falou sobre o medo, o trauma ou o horror que nossa visita provavelmente reavivou. Optou por contar uma história de bondade, uma ação de heroísmo diário que, como ela nos lembrou, acontece mesmo no inferno. “Não é incrível que o pior revele o que temos de melhor?”, refletiu ela.

No fim do discurso, que ela concluiu com seu tradicional passo de balé, o *grand battement*, Edie convidou: “Ok, agora todo mundo dançando!” A plateia inteira se levantou. Centenas de pessoas se dirigiram ao palco. Não

havia música, mas todos nós dançamos. Dançamos e cantamos e rimos e nos abraçamos numa inesquecível celebração da vida.

A Dra. Eger é hoje uma das poucas pessoas vivas que sentiram na pele os horrores dos campos de concentração. Seu livro relata o inferno e o trauma que ela e outros sobreviventes enfrentaram durante e após a guerra. O livro é também uma mensagem universal de esperança e de possibilidade para todos os que estão tentando se libertar da dor e do sofrimento. Sejam os que estão presos em casamentos ruins, em famílias destrutivas, em trabalhos que odeiam ou em suas próprias mentes, os leitores descobrirão que é possível abraçar a alegria e a liberdade independentemente das circunstâncias.

A bailarina de Auschwitz é uma crônica extraordinária sobre heroísmo e cura, resistência e compaixão, sobrevivência com dignidade, resistência mental e coragem moral. Todos nós podemos aprender a curar nossa vida por meio do relato inspirador da Dra. Eger e sua impressionante história pessoal.

SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA
JANEIRO DE 2017

* Psicólogo e professor emérito da Universidade de Stanford, Philip Zimbardo é o criador do famoso experimento de aprisionamento de Stanford (1971) e autor de muitos livros relevantes, incluindo *O efeito Lúcifer: Como pessoas boas se tornam más* (2007), best-seller da lista do *The New York Times* e vencedor do prêmio literário William James como melhor livro de psicologia. Ele é fundador e presidente do projeto Imaginação Heroica.

PARTE I

PRISÃO



INTRODUÇÃO

Eu tinha um segredo que me aprisionava

Eu não sabia da arma carregada escondida sob a camisa, mas, no momento em que o capitão Jason Fuller entrou em meu consultório, em El Paso, num dia de verão de 1980, senti um aperto no estômago e uma fisgada na nuca. A guerra tinha me ensinado a perceber o perigo antes mesmo que eu fosse capaz de explicar por que estava com medo.

Jason era alto, tinha o físico magro de um atleta, mas seu corpo era tão rígido que ele mais parecia um pedaço de madeira do que um ser humano. Seus olhos azuis eram distantes, o queixo era duro e ele não falava, ou não conseguia falar. Eu o encaminhei para o sofá branco, onde ele se sentou reto, com as mãos nos joelhos. Eu não conhecia Jason e não tinha ideia do que havia desencadeado seu estado catatônico. Seu corpo estava próximo o suficiente para ser tocado, e sua angústia era quase palpável, mas ele estava longe, perdido. Nem parecia notar Tess, minha cachorrinha poodle cinza, que continuava parada, atenta, perto da mesa, como uma segunda estátua viva na sala.

Respirei fundo e procurei uma maneira de começar. Às vezes, começo a primeira sessão com o paciente me apresentando e contando um pouco da minha história e da abordagem que utilizo. Às vezes, pulo direto para a parte de identificar e investigar os sentimentos que trouxeram o paciente ao meu consultório. Com Jason, parecia essencial não pressionar com informações demais ou pedir que ficasse vulnerável. Ele estava completamente travado. Eu precisava encontrar uma maneira de lhe oferecer a

segurança de que ele precisava para arriscar-se a me mostrar o que mantinha tão fortemente guardado. Eu precisava prestar atenção ao sistema de alerta do meu corpo sem deixar meu senso de perigo encobrir a obrigação de perguntar:

– Como posso ser útil?

Ele não respondeu. Nem sequer piscou. Ele me lembrava um personagem que havia sido transformado em pedra. Que feitiço poderia libertá-lo?

– Por que agora? – perguntei.

Essa era a minha arma secreta. A pergunta que sempre faço a meus pacientes na primeira visita. Preciso saber por que eles estão motivados a mudar. Por que hoje, entre todos os dias, eles querem começar a trabalhar comigo? Por que hoje é diferente de ontem, da semana passada ou do ano passado? Por que é diferente de amanhã? Às vezes, a dor nos empurra e às vezes, a esperança nos puxa. Perguntar “Por que agora?” não é apenas fazer uma pergunta, é perguntar tudo.

Um dos olhos dele se fechou momentaneamente, mas ele não disse nada.

– Conte-me por que está aqui – tentei novamente.

Ele continuou mudo.

Senti meu corpo ficar tenso e ser tomado por uma onda de incerteza e pela consciência das tênues e decisivas encruzilhadas onde nos encontrávamos: dois seres humanos cara a cara, ambos vulneráveis, ambos correndo riscos enquanto nos esforçávamos para dar nome à angústia e descobrir sua cura. Jason não havia chegado com uma indicação oficial. Aparentemente viera ao meu consultório por conta própria. Mas eu sabia, por experiência pessoal e clínica, que mesmo quando a pessoa decide se curar, pode permanecer travada durante anos.

Considerando a gravidade dos sintomas que ele exibia, se eu não fosse capaz de fazê-lo falar, minha única alternativa seria recomendá-lo a meu colega, o psiquiatra chefe do Centro Médico do Exército William Beaumont, onde fiz meu doutorado. O Dr. Harold Kolmer diagnosticaria a catatonia de Jason, o internaria e provavelmente receitaria um medicamento antipsicótico – como o Haldol. Imaginei Jason numa camisola de hospital, os olhos ainda vidrados e o corpo, naquele momento tão tenso, retorcendo-se em convulsões devido aos espasmos musculares muitas vezes provocados pelos remédios prescritos para controlar a psicose.

Confio totalmente no conhecimento de meus colegas psiquiatras e sou grata aos medicamentos que salvam vidas, mas não gosto de pular direto para a internação se houver qualquer chance de sucesso com uma intervenção terapêutica. Eu temia que, se recomendasse internação e medicação para Jason sem primeiro explorar outras opções, ele trocaria um tipo de entorpecimento por outro. Os membros paralisados ganhariam movimentos involuntários da discinesia, uma espécie de dança descoordenada de tiques e movimentos repetitivos que acontece quando o sistema nervoso envia o sinal para o corpo se mover sem a permissão da mente. O sofrimento dele, não importava a causa, poderia ser silenciado – mas não resolvido – pelas drogas. Talvez ele viesse a se sentir melhor, ou sentir menos – o que muitas vezes confundimos com a sensação de melhorar – mas não ficaria curado.

E agora? Eu pensava enquanto os minutos se arrastavam pesados e Jason continuava sentado estático em meu sofá. Ele estava ali porque queria, mas ainda assim permanecia aprisionado. Eu tinha apenas uma hora. Uma oportunidade. Conseguiria fazê-lo se abrir? Conseguiria ajudá-lo a anular o potencial violento que eu sentia tão vividamente como o vento do ar-condicionado na minha pele? Conseguiria mostrar para ele que, quaisquer que fossem seu problema e sua dor, ele já possuía a chave para a própria liberdade? Na época, eu não tinha como saber que, se fracassasse em fazer Jason falar naquele dia, um destino bem pior do que um quarto de hospital o aguardava: uma vida em uma prisão de verdade, provavelmente no corredor da morte. Na época, eu só sabia que precisava tentar.

Enquanto analisava Jason, entendi que para alcançá-lo não poderia apelar para os sentimentos. Devia usar uma linguagem mais confortável e familiar para alguém das Forças Armadas. Eu devia dar ordens. Minha única esperança de destravá-lo era fazer com que o sangue circulasse pelo seu corpo.

– Vamos dar uma caminhada – falei.

Não perguntei. Dei a ordem.

– Capitão, vamos levar Tess ao parque. Agora.

Jason pareceu entrar em pânico por um momento. Lá estava uma mulher, uma estranha, falando com um pesado sotaque húngaro e dizendo

a ele o que fazer. Vi que ele olhou ao redor, como se estivesse pensando “Como faço para sair daqui?”. Mas ele era um bom soldado. Ficou de pé.

– Sim, senhora – respondeu. – Sim, senhora.

Logo eu descobriria a origem do trauma de Jason e ele descobriria que, apesar de nossas óbvias diferenças, tínhamos muita coisa em comum. Ambos conhecíamos a violência. E ambos sabíamos como era ficar paralisado. Eu também carregava uma ferida dentro de mim, uma tristeza tão profunda que por muitos anos não fora capaz de falar a respeito com ninguém.

O passado ainda me assombrava: uma sensação de atordoamento e ansiedade sempre surgia quando eu ouvia sirenes, passos pesados ou homens gritando. Isso, eu aprendera, é o trauma. A sensação quase permanente no estômago de que alguma coisa está errada – ou de que algo terrível está para acontecer – faz as respostas automáticas do medo em meu corpo me dizerem para fugir, me proteger, me esconder do perigo que está em toda parte. Meu trauma pode ainda aparecer em situações prosaicas. Uma visão súbita ou um cheiro específico têm o poder de me transportar de volta para o passado. No dia em que conheci o capitão Fuller, fazia mais de trinta anos que eu tinha sido libertada dos campos de concentração do Holocausto. Hoje, mais de setenta anos se passaram. O que aconteceu não pode ser esquecido, muito menos mudado. Porém, ao longo do tempo, aprendi que posso escolher como reagir ao passado. Posso me sentir triste ou esperançosa, posso ficar deprimida ou feliz. Sempre temos essa escolha, essa oportunidade de controle. *Estou aqui, isso é agora*, aprendi a repetir para mim mesma, sem parar, até o pânico começar a diminuir.

O senso comum diz que se uma coisa incomoda ou provoca ansiedade, você simplesmente não deve olhar para ela. Não deve encará-la. Portanto, temos o hábito de fugir dos traumas do passado, das dificuldades, dos conflitos e dos desconfortos. Durante grande parte da minha vida adulta eu achei que minha sobrevivência no presente dependia de manter afastados o passado e o sofrimento que ele provocava. Em meus primeiros anos como imigrante em Baltimore, nos Estados Unidos nos anos 1950, eu nem sequer sabia como pronunciar Auschwitz em inglês. Não que eu

quisesse contar que estive lá. Eu não queria que ninguém sentisse pena de mim. Não queria que ninguém soubesse.

Eu queria falar inglês sem sotaque e me esconder do passado. Na ânsia de me integrar e com medo de ser engolida pelos meus traumas, me esforcei bastante para manter minha dor em segredo. Eu ainda não tinha percebido que meu silêncio e meu desejo de aceitação, ambos baseados no medo, eram maneiras de fugir de mim mesma. Nem que ao escolher não enfrentar diretamente a mim ou ao passado, eu ainda escolhia não ser livre, mesmo décadas depois de meu encarceramento. Eu tinha um segredo que me aprisionava.

O capitão do Exército catatônico, sentado imóvel no meu sofá, me lembrou de algo que eu descobrira com o tempo: que quando obrigamos nossas verdades e histórias a se esconderem, os segredos podem se tornar o próprio trauma, a própria prisão. Longe de diminuir a dor, o que nos recusamos a aceitar se torna tão intransponível quanto as paredes de tijolos e barras de aço. Quando não nos permitimos sofrer por nossas perdas, feridas e decepções, estamos condenados a revivê-las.

A liberdade está em aprender a aceitar o que aconteceu. Liberdade significa reunir coragem para dismantelar a prisão, tijolo por tijolo.

Coisas ruins acontecem com todo mundo. Não podemos mudar isso. Se olharmos para a nossa certidão de nascimento, por acaso lá está escrito que a vida será fácil? Não, mas muitas pessoas permanecem presas em um trauma ou dor, incapazes de viver de maneira plena. Isso, no entanto, é possível mudar.

Recentemente, no Aeroporto de Nova York, enquanto esperava meu voo de volta para casa em San Diego, fiquei sentada analisando os rostos de cada estranho que passava. O que vi me emocionou profundamente. Vi tédio, fúria, tensão, preocupação, confusão, desânimo, decepção, tristeza e, o mais preocupante, vazio. Fiquei muito triste ao notar tão pouca alegria naqueles rostos. Mesmo os momentos mais maçantes da vida são oportunidades para sentir esperança, leveza, felicidade. A rotina faz parte da vida, assim como o sofrimento e o estresse. Por que algumas vezes nos esforçamos para nos sentirmos vivos e outras nos distanciamos

da sensação de viver plenamente? Por que é tão desafiador trazer vida para a vida?

Se você me perguntasse qual é o diagnóstico mais comum entre as pessoas que atendo, eu não diria depressão ou transtorno de estresse pós-traumático, embora essas doenças sejam bastante recorrentes entre aqueles que conheço, amo e oriento para a liberdade. Eu diria que é a fome. Temos fome. Fome de aprovação, de atenção, de afeição. Temos fome de liberdade para aceitar a vida e para realmente nos conhecermos e sermos nós mesmos.

Minha própria busca pela liberdade e meus anos de experiência como psicóloga clínica me ensinaram que o sofrimento é universal, mas que o complexo de vítima é opcional. Existe uma diferença entre ser vítima e assumir o papel de vítima. Somos todos suscetíveis a nos tornar vítimas de alguma maneira. Todos sofreremos algum tipo de aflição, desgraça ou abuso causado por pessoas ou circunstâncias sobre as quais não temos controle. Isso é ser vítima. É algo que vem de fora. É o valentão da escola, o chefe furioso, a esposa que agride, o amante que trai, a lei que discrimina, o acidente que o leva para o hospital.

Em contrapartida, o complexo de vítima vem de dentro. Ninguém pode fazer você se sentir inferior, a não ser você mesmo. Nós nos tornamos vítimas não pelo que acontece conosco, mas quando escolhemos nos agarrar ao sofrimento. Desenvolvemos uma forma de pensar e de agir que é rígida, culpada, pessimista, presa ao passado, rancorosa, punitiva e sem limites saudáveis. Nós nos tornamos nossos próprios carcereiros quando escolhemos ficar confinados ao papel de vítima.

Quero deixar uma coisa bem clara. Quando falo de vítimas e sobreviventes, não estou culpando as vítimas – muitas jamais tiveram chance de se defender. Nunca poderia culpar aqueles que foram enviados para as câmaras de gás, que morreram de fome ou mesmo os que correram na direção da cerca elétrica de arame farpado. Sofro por todas as pessoas que são condenadas à violência e à destruição todos os dias. E vivo para orientar os outros a se fortalecerem diante das adversidades da vida.

Também quero dizer que não existe uma hierarquia do sofrimento. Não há nada que torne a minha dor maior ou menor que a sua, nenhum gráfico no qual possamos registrar a importância relativa de uma dor sobre a outra. As pessoas me dizem “As coisas na minha vida estão muito difíceis

agora, mas não tenho o direito de reclamar – não é *Auschwitz*”. Esse tipo de comparação pode nos levar a minimizar ou depreciar nosso sofrimento. Ser um “sobrevivente” exige aceitação total do que aconteceu. Menos-prezar sua dor ou se punir porque se sente perdido, isolado ou assustado com os desafios da vida – por mais insignificantes que esses desafios pareçam para os outros – também é escolher bancar a vítima. Ao fazer isso, não estamos vendo nossas opções. Estamos nos julgando. Não quero que você leia minha história e diga “Meu sofrimento é menos importante”. Quero que você afirme “Se você pode fazer isso, eu também posso!”.

Certa manhã eu atendi a duas pacientes, uma logo depois da outra. As duas eram mães na faixa dos 40 anos. A primeira tinha uma filha hemofílica que estava morrendo. Ela passou a maior parte da consulta chorando e perguntando como Deus poderia tirar a vida da sua menina. Sinto muito por aquela mulher que se dedicou totalmente a cuidar da filha e estava arrasada com a perda iminente. Ela sentia raiva, sofria e não sabia se conseguiria sobreviver àquela dor.

A paciente seguinte tinha acabado de chegar do clube, não do hospital. Ela também passou a maior parte da consulta chorando. Estava chateada porque acabara de receber seu Cadillac novo e o carro tinha vindo no tom errado de amarelo. Aparentemente, seu problema era banal, principalmente se comparado ao da outra paciente, angustiada com a filha à beira da morte. Mas eu a conhecia suficientemente bem para entender que suas lágrimas de decepção pela cor do carro eram na realidade lágrimas de decepção em relação a coisas mais importantes que não estavam acontecendo do jeito que ela esperava – a solidão no casamento, o filho que tinha sido expulso de mais uma escola, as aspirações profissionais que ela abandonara para estar mais disponível para o marido e o filho. Muitas vezes os pequenos aborrecimentos da vida simbolizam perdas maiores e as aflições aparentemente insignificantes representam sofrimentos mais intensos.

Percebi naquele dia quanto as duas pacientes, que pareciam tão diferentes, tinham em comum uma com a outra e com todas as pessoas em toda parte. As duas estavam reagindo a situações que não podiam controlar e que haviam destruído suas expectativas. Ambas lutavam e sofriam por algo que não era o que queriam ou esperavam que fosse; estavam tentando conciliar o que era com o que deveria ser. A dor de cada uma era real. Cada

mulher estava presa em seu drama – que conhecemos quando nos encontramos em situações imprevistas, as quais não nos sentimos preparados para enfrentar. As duas mulheres mereciam minha compaixão. As duas tinham tudo para se curar. As duas, como todos nós, podiam escolher as atitudes e ações capazes de transformá-las de vítimas em sobreviventes mesmo que as circunstâncias que enfrentavam não mudassem. Sobreviventes não têm tempo para perguntar “Por que eu?”. Para os sobreviventes, a única pergunta relevante é “E agora?”.

Esteja você no início, no meio do caminho ou no outono de sua vida, quer tenha experimentado o sofrimento profundo ou esteja apenas começando a enfrentar dificuldades, esteja se apaixonando pela primeira vez ou perdendo seu parceiro de vida para a velhice, esteja se curando de uma situação transformadora ou em busca de pequenos ajustes que poderiam trazer mais alegria para sua vida, eu adoraria ajudá-lo a descobrir como escapar do campo de concentração de sua mente e a se tornar a pessoa que deveria ser. Eu adoraria ajudar você a se libertar do passado, dos fracassos e dos medos, da raiva e dos erros, do arrependimento e do sofrimento sem solução – e ter a liberdade de aproveitar a festa da vida em sua plenitude. Não há como escolher viver livre de dor, mas podemos escolher ser livres, nos libertar do passado e aceitar o possível. Convido você a escolher ser livre.

Como a chalá, um pão típico judaico que minha mãe costumava fazer para nossa refeição de sexta-feira à noite, este livro é uma trança formada pela minha história de sobrevivência, pela minha trajetória de cura e pelos casos de pessoas queridas que tive o privilégio de orientar. Transmiti minha experiência da melhor forma que consegui lembrar. As histórias dos pacientes refletem com precisão a essência das experiências deles, embora eu tenha mudado os nomes e os detalhes que pudessem identificá-los. Em algumas situações, criei composições a partir de pacientes que passavam por desafios semelhantes. O que se segue é a história das escolhas, grandes e pequenas, que podem nos levar do trauma ao triunfo, da escuridão à luz, da prisão à liberdade.

CAPÍTULO 1

As quatro perguntas

Se eu pudesse resumir toda a minha vida em um momento, em uma imagem estática, seria o seguinte: três mulheres vestindo casacos de lã escura esperam, de braços dados, em um pátio árido. Estão exaustas. Os sapatos estão sujos. Elas esperam numa fila longa.

As três mulheres são minha mãe, minha irmã Magda e eu. Este é nosso último momento juntas. Não sabemos disso. Nós nos recusamos a pensar nisso. Ou estamos cansadas demais para especular sobre o que nos espera. É um momento de ruptura – da mãe com as filhas e da vida como era antes com aquela que virá depois. No entanto, só em retrospecto podemos entender tudo isso.

Vejo nós três por trás, como se eu fosse a próxima da fila. Por que a memória me mostra a parte de trás da cabeça da minha mãe, mas não o rosto dela? Seu cabelo longo está trançado e preso no alto da cabeça. Os cachos castanho-claros de Magda tocam seu ombro. Meu cabelo escuro está sob um lenço. Minha mãe está no meio e Magda e eu nos inclinamos em sua direção. É impossível saber se nós é que mantemos nossa mãe de pé ou se é o contrário, se a força da nossa mãe é o pilar que sustenta Magda e eu.

Este momento é o limiar da maior perda da minha vida. Depois de sete décadas, eu ainda volto a essa imagem de nós três. Eu a analiso como se o exame minucioso pudesse recuperar algo precioso. Como se eu pudesse reconquistar a vida que antecede esse momento, a vida que antecede a perda. Como se isso fosse possível.

Eu voltei para poder ficar mais um pouquinho nesse momento em que estamos de braços dados e pertencemos umas às outras. Olho para nossos

ombros inclinados, para a poeira na barra de nossos casacos. Minha mãe. Minha irmã. Eu.

Nossas memórias da infância são muitas vezes fragmentos, momentos rápidos ou flashes, que juntos formam um álbum de recortes de nossa vida. Esses fragmentos são tudo o que nos resta para entender a história que passamos a contar para nós mesmos sobre quem somos.

Mesmo antes do momento da nossa separação, a lembrança que tenho de minha mãe é cheia de tristeza e perda. Ainda assim, eu a preservo. Estamos sozinhas na cozinha, onde ela embrulha o resto do *strudel* que fez com a massa que eu a vi cortar e dobrar como uma toalha pesada sobre a mesa da sala de jantar. “Leia para mim”, diz ela, e eu pego a cópia desgastada de *E o vento levou* na mesa de cabeceira dela. Já lemos esse livro todo uma vez antes. Recomeçamos a leitura. Faço uma pausa na misteriosa dedicatória escrita em inglês na página de rosto do volume traduzido. A letra é de um homem, mas não do meu pai. Tudo o que minha mãe diz é que o livro foi um presente de um homem que ela conheceu quando trabalhou no Ministério das Relações Exteriores antes de conhecer meu pai.

Estamos sentadas em cadeiras de espaldar reto, perto do fogão a lenha. Leio o romance adulto fluentemente, apesar de ter apenas 9 anos. “Estou feliz por você ser inteligente porque você não é bonita”, ela me disse mais de uma vez, misturando elogio e crítica. Ela pode ser dura comigo, mas saboreio o momento. Quando lemos juntas, não preciso dividi-la com mais ninguém. Mergulho nas palavras, na história e na sensação de estar sozinha em um mundo com ela. Scarlett volta para Tara no fim da guerra para encontrar a mãe morta e o pai em luto profundo. “Com Deus por testemunha”, diz Scarlett, “jamais sentirei fome novamente.” Minha mãe fecha os olhos e inclina a cabeça contra o encosto da cadeira. Quero subir no colo dela. Descansar minha cabeça em seu peito. Quero que ela encoste seus lábios no meu cabelo.

– Tara... – diz ela. – A América agora seria um lugar para se conhecer.

Adoraria que ela dissesse o meu nome com a mesma suavidade que reserva para um país onde nunca estive. Para mim, todos os aromas da

cozinha da minha mãe se misturam com o drama da abundância e da fome. Tenho sempre essa lembrança, mesmo na fartura. Não sei se sinto saudade de minha mãe, se é de mim ou de algo que partilhamos.

Sentamos com o fogão entre nós.

– Quando eu tinha sua idade... – começa ela.

Agora que ela está falando, tenho medo de me mexer e ela parar.

– Quando tinha a sua idade, os bebês dormiam juntos e minha mãe e eu dividíamos uma cama. Numa manhã, acordei com meu pai me chamando: “Ilonka, acorde sua mãe, ela ainda não fez o café da manhã nem separou as minhas roupas.” Virei para minha mãe, que estava ao meu lado sob as cobertas, mas ela não se mexeu. Estava morta.

Ela nunca tinha me contado isso. Quero saber cada detalhe sobre aquele momento em que a filha acordou ao lado da mãe que já tinha perdido. Também quero desviar o olhar. É assustador demais pensar nisso.

– Quando ela foi sepultada à tarde, achei que tinha sido enterrada viva. Naquela noite, papai disse para eu preparar a ceia da família. Então fui lá e fiz.

Aguardo o resto da história. aguardo a lição no fim. Ou algum consolo.

– Hora de dormir. – É tudo o que minha mãe diz antes de se curvar para varrer as cinzas debaixo do fogão.

Passos avançam pelo corredor. Posso sentir o cheiro de tabaco de meu pai antes mesmo do barulho metálico de suas chaves.

– Senhoras – chama ele. – Ainda estão acordadas?

Ele entra na cozinha com seus sapatos lustrados e o terno elegante, um sorriso enorme estampado no rosto e um pequeno saco na mão que ele me entrega com um beijo estalado na testa.

– Ganhei de novo – gaba-se ele.

Sempre que meu pai joga cartas ou bilhar com os amigos, divide o que ganha comigo. Hoje, trouxe um biscoito coberto com uma camada de açúcar rosa. Se eu fosse Magda, minha mãe, sempre preocupada com o peso de minha irmã, teria pegado o doce de minhas mãos. Mas ela acenou com a cabeça e me deu permissão para comê-lo.

Ela está em pé agora no meio do caminho, entre o fogão e a pia. Meu pai a intercepta e levanta a mão e a faz dar um giro pela cozinha, o que ela faz rigidamente, sem sorrir. Ele a puxa para um abraço, deixa uma das mãos nas

costas dela e com a outra ele toca de leve em seu peito. Minha mãe encolhe os ombros e o afasta.

– Sou uma decepção para sua mãe – meu pai meio que sussurra para mim quando saímos da cozinha.

Será que ele quer que ela ouça ou é um segredo só entre nós? De qualquer forma, é algo que eu guardo para refletir depois. No entanto, a amargura na voz dele me assusta.

– Ela quer ir à ópera toda noite e ter uma vida cosmopolita extravagante. Sou apenas um alfaiate. Um alfaiate jogador de sinuca.

O tom de derrota na voz de meu pai me confunde. Ele é conhecido e muito querido em nossa cidade. Brincalhão, parece estar sempre à vontade e animado. É divertido conviver com ele. Tem muitos amigos. Ele adora comer (principalmente o presunto que às vezes traz escondido para nossa casa *kosher* e que devora sobre o jornal no qual foi embrulhado, empurrando pedaços do porco proibido na minha boca, aguentando as acusações de mamãe de que é uma figura paterna fraca). Sua alfaiataria lhe rendeu duas medalhas de ouro. Ele não é bom apenas em fazer costuras alinhadas e bainhas retas. Ele é um mestre da alta-costura. Foi assim que ele conheceu mamãe. Ela procurou a alfaiataria porque precisava de um vestido e o trabalho dele tinha sido bem recomendado. Mas ele queria ser médico, não um alfaiate, um sonho que o pai desestimulou e que de vez em quando ressurgia em demonstrações de decepção consigo mesmo.

– Você não é só um alfaiate, Papa – garantia eu. – Você é o melhor alfaiate!

– E você será a senhorita mais bem-vestida de Košice – respondia ele, me afagando a cabeça. – Você tem o corpo perfeito para a alta-costura.

Ele parece se recuperar e manda o desânimo de volta para as sombras. Chegamos na porta do quarto que divido com Magda e com nossa irmã do meio, Klara. Já imagino Magda fingindo fazer o dever de casa e Klara tirando poeira de seu violino. Papai e eu ficamos na porta um pouco mais, nenhum dos dois pronto para se separar.

– Queria que você fosse um menino, sabia? – confia meu pai. – Dei um murro na porta quando você nasceu de tão zangado que fiquei ao ter outra menina, mas agora você é a única com quem posso conversar – completa.

Ele me dá um beijo na testa.

Amo receber tanta atenção de meu pai. Como a atenção de mamãe, ela é preciosa... e instável. Como se merecer o amor deles tivesse menos a ver comigo e mais com a solidão deles. Como se minha identidade não tivesse nada a ver com o que sou e fosse apenas uma medida do que está faltando nos meus pais.

– Boa noite, Dicuka – fala meu pai por fim. Ele usa o apelido que minha mãe inventou para mim.

Ditzu-ka. Essas sílabas sem sentido são carinhos para mim.

– Diga a suas irmãs que está na hora de apagar as luzes.

Ao entrar no quarto, Magda e Klara me recebem com a canção que inventaram para mim. Elas a inventaram quando eu tinha 3 anos e um dos meus olhos ficou vesgo por causa de um procedimento médico malfeito. “Você é tão feia, você é tão pequena”, elas cantam. “Você nunca vai arranjar um marido.” Desde o acidente eu abaixo a cabeça ao caminhar para não ter que ver as pessoas olhando para meu rosto torto. Ainda não aprendi que o problema não é minhas irmãs me provocarem com uma canção maldosa; o problema é eu acreditar nelas. Estou tão convencida de minha inferioridade que nunca me apresento pelo nome. Nunca digo às pessoas “Eu sou Edie”. Klara é uma violinista prodigiosa. Ela aprendeu o concerto para violino de Mendelssohn quando tinha 5 anos. Digo: “Sou irmã da Klara.”

Mas esta noite tenho algo especial.

– A mãe da mamãe morreu quando ela tinha exatamente a minha idade – conto a elas.

Estou tão segura da natureza privilegiada dessa informação que não me ocorreu que para minhas irmãs ela fosse notícia antiga, que eu era a última e não a primeira a saber.

– Você está brincando – diz Magda com a voz cheia de sarcasmo tão óbvio que nem eu consigo reconhecer.

Ela tem 15 anos, já tem seios, lábios sensuais e cabelos ondulados. Ela é a piadista da família. Quando éramos mais jovens, Magda me ensinou a jogar uvas da janela do nosso quarto nas xícaras de café dos fregueses sentados no pátio embaixo. Inspirada nela, logo inventarei minhas próprias brincadeiras, mas até lá as apostas serão outras. Minha amiga e eu vamos nos exibir para os garotos na escola ou nas ruas. “Me encontre às quatro no relógio da praça”, vamos falar cantarolando e dando uma piscadela.

Eles virão, eles sempre vão, às vezes eufóricos, às vezes tímidos, às vezes se vangloriando antecipadamente. Da segurança de meu quarto, minha amiga e eu vamos ficar na janela e assistir aos garotos chegando.

– Não provoque demais. – reclama agora Klara com Magda.

Klara é mais jovem que Magda, mas sai em minha defesa.

– Sabe aquela fotografia em cima do piano? – pergunta ela. – Aquela de que Mama sempre comenta? Aquela é a mãe dela.

Sei qual é a imagem a que ela se refere. Olho para ela todos os dias da minha vida. “Ajude-me. Ajude-me”, nossa mãe geme para o retrato enquanto tira o pó do piano e varre o chão. Fico constrangida por nunca ter perguntado à nossa mãe, ou a alguém, quem era a pessoa da fotografia. Além disso, estou decepcionada que minha informação não tenha me proporcionado nenhum status especial com minhas irmãs.

Estou acostumada a ser a irmã calada, a invisível. Não me ocorreu que Magda estivesse cansada de ser a palhaça e Klara ressentida de ser a menina-prodígio. Ela não pode nem por um segundo deixar de ser extraordinária, sob pena de perder tudo – a adoração a que está acostumada e seu próprio senso de identidade. Magda e eu precisamos nos esforçar para conseguir algo que temos certeza que nunca será suficiente. Klara sabe que a qualquer momento pode cometer um erro fatal e perder tudo. Klara toca violino desde que eu tinha 3 anos. Não demorou muito para eu perceber o preço de seu incrível talento: ela abriu mão de ser criança. Nunca a vi brincar com bonecas. Em vez disso, ela ficava praticando violino em frente a uma janela aberta, incapaz de desfrutar de seu gênio criativo a não ser que pudesse convidar a plateia de passantes para assistir-lhe.

– Mama ama Papa? – perguntei às minhas irmãs.

A distância entre nossos pais, as coisas tristes que eles confessaram para mim me fizeram lembrar que eu nunca os vi arrumados e prontos para sair juntos.

– Que pergunta – comenta Klara.

Embora negue minha preocupação, acho que vi um reconhecimento nos olhos dela. Nunca voltamos a discutir isso, embora eu tenha tentado. Demorei anos para saber o que minhas irmãs já sabiam, que o que chamamos de amor é muitas vezes algo mais condicional – a recompensa para um desempenho, com que você tem que se contentar.

Quando vestimos nossas camisolas e nos deitamos, esqueço a preocupação com meus pais e penso, em vez disso, no meu professor de balé e em sua esposa, da sensação que tenho ao subir as escadas para o estúdio, pulando dois ou três degraus por vez, e arrancar o uniforme da escola e colocar a malha e a meia. Estudo balé desde os 5 anos, quando minha mãe percebeu que eu não era o tipo musical, mas que tinha outros talentos. Hoje treinamos o espacate. O professor de balé nos lembrou que força e flexibilidade são inseparáveis. Para um músculo se flexionar, outro deve se estender. Para obter amplitude e flexibilidade, é preciso manter o núcleo forte.

Guardo as instruções dele na cabeça como uma oração. Lá vou eu, com a coluna reta, os músculos abdominais firmes, as pernas totalmente estendidas. Sei como respirar, sobretudo quando me sinto presa. Vejo meu corpo se estendendo como as cordas do violino de minha irmã, encontrando o ponto exato de tensão que faz o instrumento todo vibrar. Estou no chão. Estou aqui. Fazendo espacates completos. “Bravo”, meu professor de balé aplaude. “Fique exatamente como está.” Ele me levanta do chão acima de sua cabeça. É difícil manter as pernas estendidas sem ter o chão como apoio, mas por um momento eu me sinto como uma oferenda, como pura luz. “Editke”, meu professor diz, “todo o seu êxtase na vida virá de dentro de você.” Precisei de anos para entender realmente o que ele quis dizer. Por enquanto, tudo o que sei é que posso respirar e girar e chutar e me curvar. À medida que meus músculos se alongam e se fortalecem, cada movimento, cada pose parece gritar: *Eu sou, eu sou, eu sou. Eu sou eu. Sou alguém.*

A memória é um solo sagrado. Porém, ela é também mal-assombrada. É o lugar onde a raiva, a culpa e o sofrimento circulam como pássaros famintos revirando os mesmos ossos velhos. É o lugar onde busco a resposta para uma pergunta irrespondível: *Por que eu sobrevivi?*

Tenho 7 anos e meus pais estão recebendo convidados para jantar. Eles pedem que eu vá encher a jarra de água. Da cozinha, os ouço comentar em tom de brincadeira: “Podíamos ter evitado essa.” Acho que eles querem dizer que já eram uma família completa antes de meu nascimento. Eles tinham uma filha que tocava piano e outra que tocava violino. Eu sou des-

necessária, não sou suficientemente boa, não há espaço para mim, eu penso. Essa é a maneira como interpretamos mal os fatos da nossa vida, como temos certezas sem verificar nada, como inventamos uma história para nós mesmos, reforçando aquilo que está em nós e em que já acreditamos.

Aos 8 anos, decido fugir de casa. Quero testar a teoria de que sou dispensável, invisível. Vou ver se meus pais notam que desapareci. Em vez de ir à escola, pego o bonde para a casa de meus avós. Confio que meus avós – o pai de minha mãe e a madrasta dela – vão me dar cobertura. Eles estão envolvidos em uma guerra permanente com minha mãe por causa de Magda: escondem biscoitos na gaveta da cômoda de minha irmã. Eles me dão segurança, embora concordem com as proibições. Meus avós costumam ficar de mãos dadas, algo que meus pais nunca fazem. Seu amor não é forçado, não há fingimento para sua aprovação. Eles significam conforto – o cheiro de carne e feijão cozido, de pão doce, de *cholent*, um guisado delicioso que minha avó leva para a padaria cozinhar no *Shabat*, quando a prática ortodoxa não permite que ela use o próprio forno.

Meus avós ficam felizes em me ver. Está uma manhã maravilhosa. Eu me sento na cozinha para comer rocambole de amêndoa, mas a campainha toca e meu avô vai atender. Um segundo depois, ele volta correndo para a cozinha e, como tem dificuldade para escutar, dá seu aviso bem alto: “Se esconde, Dicuka!”, grita ele. “Sua mãe está aqui!” Ao tentar me proteger, ele me revela.

O que me incomoda mais é o olhar no rosto da minha mãe quando ela me vê na cozinha dos meus avós. Ela não está apenas surpresa ao me encontrar aqui, é como se o simples fato de eu existir a surpreendesse. Como se eu não fosse quem ela quer ou espera que eu seja.

Nunca serei bonita, isso minha mãe deixou claro, mas ela garantiu que quando eu completar 10 anos não terei mais que esconder o rosto. Dr. Klein, de Budapeste, vai consertar meu estrabismo. No trem para Budapeste, eu como chocolate e desfruto da atenção exclusiva da minha mãe. Dr. Klein é uma celebridade, explica minha mãe, o primeiro a realizar cirurgias oftalmológicas sem anestesia. Estou muito absorvida pela aventura da viagem e pelo privilégio de ter a minha mãe só para mim para entender que ela está me alertando. Nunca me passou pela cabeça que a cirurgia doeria. Não até a dor me consumir. Minha mãe e os parentes dela

que indicaram o famoso Dr. Klein seguram meu corpo agitado contra a maca. Pior do que a dor, que é imensa e infundável, é a sensação das pessoas que me amam me imobilizando para que eu não me mexa. Somente mais tarde, bem depois que a cirurgia se provou bem-sucedida, consigo ver a cena do ponto de vista de minha mãe, e entender como ela deve ter sofrido com o meu sofrimento.

Sinto-me muito mais feliz quando estou sozinha e posso me recolher em meu mundo interior. Certa manhã, quando estou com 13 anos e caminho para a escola, ensaio os passos da coreografia do “Danúbio azul” que minha turma de balé vai apresentar em um festival à beira do rio. A criatividade me domina e eu me deixo levar em uma nova dança de minha própria autoria. Uma dança em que imagino meus pais se encontrando. Interpreto os dois papéis. Meu pai faz uma batida de perna dupla quando vê minha mãe entrar na sala. Minha mãe faz um giro rápido e salta bem alto. Meu corpo inteiro se arqueia numa gargalhada gostosa. Nunca vi minha mãe se divertir, nunca ouvi uma gargalhada sua, daquela que faz balançar a barriga, mas sinto em meu corpo a inexplorada fonte de sua felicidade.

Quando chego à escola, o dinheiro que meu pai me deu para pagar o trimestre inteiro sumiu. No alvoroço da dança, perdi o dinheiro. Verifico cada bolso e dobra de minha roupa, mas não há nada. Passo o dia inteiro com o medo de contar ao meu pai queimando as minhas entranhas. Em casa, ele não consegue me olhar quando levanta os punhos. É a primeira vez que ele bate em mim; na verdade, em qualquer uma de nós. Ele não diz uma palavra para mim quando acaba. Na cama, naquela noite, quero morrer para que meu pai sofra pelo que fez comigo. E então quero que meu pai morra.

Essas lembranças dão uma noção de minha força? Ou da minha mágoa? Talvez cada infância seja o terreno em que tentamos identificar nossa importância, um mapa onde estudamos as dimensões e as fronteiras do nosso valor.

Talvez cada vida seja um estudo sobre as coisas que não temos, mas que gostaríamos de ter, e das coisas que temos, mas que gostaríamos de não ter.

Levei muitas décadas para descobrir que eu podia me fazer uma pergunta diferente. Não: *Por que eu vivo?* Mas: *O que eu posso fazer com a vida que recebi?*



Os dramas humanos comuns de minha família ficavam piores por causa de fronteiras e guerras. Antes da Primeira Guerra Mundial, a região da Eslováquia onde nasci e fui criada era parte do Império Austro-Húngaro, mas, em 1918, uma década antes do meu nascimento, o Tratado de Versalhes redesenhou o mapa da Europa e criou um novo Estado. A Tchecoslováquia foi formada pela junção da Eslováquia agrária, a região da minha família, que tinha origem húngara e eslovaca, com as áreas mais industriais da Morávia e da Boêmia, que eram originalmente tchecas, e com a Rutênia subcarpática, que atualmente faz parte da Ucrânia. Com a criação da Tchecoslováquia, Kassa, a cidade onde nasci, na Hungria, virou Košice, na Tchecoslováquia. E minha família virou minoria duplamente. Nossa origem era húngara, mas vivíamos em um país majoritariamente tcheco e éramos judeus.

Embora existissem judeus na Eslováquia desde o século XI, só em 1840 eles foram autorizados a se instalar em Kassa. Mesmo assim, funcionários municipais apoiados por guildas comerciais cristãs dificultavam a vida das famílias judias que queriam morar lá. Na virada do século, Kassa havia se tornado uma das maiores comunidades judaicas da Europa. Ao contrário do que aconteceu em outros países do Leste Europeu, como a Polônia, os judeus húngaros não se instalaram em guetos (razão pela qual minha família falava húngaro, não ídiche). Não éramos segregados e desfrutávamos de muitas oportunidades educacionais, profissionais e culturais. Ainda assim, enfrentávamos preconceito. O antissemitismo não foi uma invenção nazista. À medida que crescia, internalizei uma sensação de inferioridade e a crença de que era mais seguro não revelar que era judia para me integrar, me misturar, nunca me destacar. Era difícil encontrar um sentido de identidade e pertencimento. Então, em novembro de 1938, a Hungria anexou Košice novamente e voltamos a nos sentir em casa.

Mamãe está em nossa varanda no antigo Palácio Andrassy, que foi transformado em edifício com diversos apartamentos. Ela pendurou um tapete oriental na nossa grade. Não está limpando o tapete, mas comemorando. Sua Alteza Sereníssima, o Almirante Miklós Horthy, regente do Reino da Hungria, chega hoje para acolher formalmente nossa cidade

na Hungria. Entendo a empolgação e o orgulho de meus pais. Nós pertencemos! Hoje eu também vou dançar para dar as boas-vindas a Horthy. Uso uma roupa típica húngara: saia e colete de lã brilhante com bordados florais, blusa branca de mangas bufantes, laços, rendas e botas vermelhas. Quando dou o chute bem alto na beira do rio, Horthy aplaude, abraça os dançarinos, me abraça.

– Dicuka, eu queria que fôssemos louras como Klara – sussurrou Magda na hora de dormir.

Ainda estamos a anos de distância do toque de recolher e das leis discriminatórias, mas o desfile de Horthy é o ponto de partida de tudo o que virá. A cidadania húngara por um lado trouxe pertencimento, mas exclusão por outro. Estamos tão felizes de falar nossa língua nativa, de sermos aceitos como húngaros, mas essa aceitação depende de nossa assimilação. Os vizinhos argumentam que apenas húngaros *não judeus* deviam ser autorizados a usar as vestes tradicionais.

– Melhor não revelar que você é judia – avisa minha irmã Magda. – Isso só vai fazer com que as outras pessoas queiram pegar as coisas bonitas que você tem.

Magda é a primogênita, ela descreve o mundo para mim. Ela apresenta os detalhes, quase sempre de coisas complicadas, para analisarmos e ponderarmos. Em 1939, o ano em que a Alemanha nazista invadiu a Polônia, os nazistas húngaros, os *nyilas*, ocupam o apartamento embaixo do nosso no Palácio Andrassy. Eles cospem em Magda. Eles nos expulsam. Acabamos nos mudando para outro apartamento, no Kossuth Lajos Utca, número 6, numa rua secundária, em vez de na rua principal, o que é menos conveniente para o negócio do meu pai. O apartamento ficou disponível porque os antigos ocupantes, outra família judia, partiu para a América do Sul. Conhecemos algumas famílias judias que estão deixando a Hungria. A irmã de meu pai, Matilda, já partiu há anos. Ela mora em Nova York, num lugar chamado Bronx, numa área de imigrantes judeus. A vida dela nos Estados Unidos parece mais difícil do que a nossa. Não falamos sobre ir embora.

Mesmo em 1940, quando estou com 13 anos e os *nyilas* começam a prender os judeus de Kassa e mandá-los para um campo de trabalhos forçados, a guerra parece distante de nós. Meu pai não é levado. Não no começo.

Usamos a negação como proteção. Se não prestarmos atenção, então podemos continuar vivendo sem ser notados. Podemos criar um mundo seguro em nossas mentes. Podemos nos tornar invisíveis às ofensas.

Porém, um dia, em junho de 1941, Magda está na rua de bicicleta quando as sirenes soam. Ela corre três quarteirões em busca de segurança na casa de nossos avós, e encontra quase tudo destruído. Eles sobreviveram, graças a Deus. Mas a senhoria deles não. Foi um ataque único, um só bairro arrasado por um bombardeio. Disseram que os russos eram responsáveis pelos escombros e pelas mortes. Ninguém acredita, embora não seja possível refutar. Temos sorte e somos, ao mesmo tempo, vulneráveis. A única verdade sólida é a pilha de tijolos esmagados no lugar onde era a casa. Destruição e ausência, esses são os fatos. A Hungria se alia à Alemanha na Operação Barbarossa. Invadimos a Rússia.

Nessa época, somos obrigados a usar a estrela amarela. O truque é escondê-la sob o casaco. Porém, mesmo com a estrela escondida, eu sinto como se tivesse feito algo ruim, algo passível de punição. Que pecado imperdoável cometi? Minha mãe está sempre perto do rádio. Quando fazemos piquenique na beira do rio, meu pai conta histórias sobre como era ser prisioneiro na Rússia durante a Primeira Guerra Mundial. Sei que a experiência dele como prisioneiro de guerra, seu trauma – embora eu ainda não saiba que esse é o nome que se dá a isso – tem algo a ver com comer porco e com seu distanciamento da religião. Sei que a guerra está na origem de sua angústia. Mas a guerra, essa guerra, ainda é em algum outro lugar. Posso ignorá-la, e ignoro.

Depois da escola, passo cinco horas no estúdio de balé e começo também a fazer ginástica olímpica. Embora no início encare como um exercício complementar ao balé, a ginástica logo vira uma paixão, uma arte, com a mesma intensidade. Entro no clube do livro formado por um grupo de meninas de meu colégio e por meninos de uma escola particular próxima. Lemos *Maria Antonieta: retrato de uma mulher comum*, de Stefan Zweig. Conversamos sobre a maneira de Zweig escrever como se estivesse dentro da mente de uma pessoa. No clube do livro, há um garoto chamado Eric que um dia repara em mim. Sinto o olhar atento dele cada vez que falo. Ele é alto, tem sardas e é ruivo. Imagino Versalhes. Imagino o quarto de Maria Antonieta. Imagino encontrar Eric lá. Não sei nada sobre sexo,

mas sou romântica. Vejo que ele presta atenção em mim e imagino: *Como seriam nossos filhos? Eles também teriam sardas?* Eric se aproxima de mim depois da discussão. Ele cheira bem, como ar fresco ou como a grama na beira do rio Hornád, onde em breve iremos passear.

Nossa relação tem peso e substância desde o início. Conversamos sobre literatura e sobre a Palestina (ele é um sionista dedicado). Não são tempos para namoros despreocupados, nossa ligação não é uma paixãoite, um namorico de criança. Trata-se de um amor em tempo de guerra. O toque de recolher foi imposto aos judeus, mas nós nos esgueiramos certa noite sem usar nossas estrelas amarelas. Ficamos na fila do cinema. Encontramos nossos lugares no escuro. É um filme americano, estrelado por Bette Davis. *Estranha passageira*, aprendi mais tarde, é seu título americano, mas em húngaro se chama *Utazás a múltból (Jornada para o passado)*. Bette Davis interpreta uma filha solteira tiranizada pela mãe controladora. Ela tenta encontrar a si mesma e se libertar, mas é constantemente arrasada pelas críticas da mãe. Eric vê o filme como uma metáfora política sobre autodeterminação e autoestima. Eu vejo sinais de minha mãe e de Magda. De minha mãe que adora Eric, mas repreende Magda por seu namoro descompromissado, que me pede para comer mais, mas se recusa a encher o prato de Magda, que está sempre silenciosa e introspectiva, mas briga com Magda, e cuja raiva nunca é direcionada a mim, mas que me aterroriza da mesma forma.

As brigas em minha família, a frente de batalha com a Rússia se aproximando... nunca sabemos o que virá a seguir. Na escuridão e no caos da incerteza, Eric e eu criamos nossa própria luz. Todo dia, à medida que a liberdade e as escolhas se tornam cada vez mais restritas, nós planejamos o futuro. Nosso relacionamento é como uma ponte que nos permite sair das preocupações atuais e alcançar as alegrias futuras. Planos, paixão, promessas. Talvez a turbulência que nos rodeia dê a oportunidade para mais compromisso, menos questionamento. Ninguém sabe o que vai acontecer, mas nós sabemos. Temos um ao outro e o futuro, uma vida a dois que podemos ver tão claramente quanto vemos nossas mãos quando as juntamos. Vamos até a beira do rio em um dia de agosto de 1943. Eric traz uma câmera e me fotografa de maiô fazendo espacates na grama. Imagino mostrar essa foto para nossos filhos um dia. E contar a eles como mantivemos nosso amor e nosso compromisso.

Quando chego em casa naquele dia, meu pai tinha sido levado para um campo de trabalhos forçados. Ele é um alfaiate apolítico. Como pode ser uma ameaça para alguém? Por que foi escolhido? Ele tem algum inimigo? Existem muitas coisas que minha mãe não vai me dizer. Será que ela não sabe? Ou está me protegendo? Ou se protegendo? Ela não fala abertamente sobre os problemas, mas, nos longos meses em que meu pai fica longe, posso sentir o quanto está triste e assustada. Vejo que ela tenta preparar várias refeições com uma única galinha. Ela tem enxaquecas. Aceitamos um pensionista para compensar a perda de renda. Ele é dono de uma loja do outro lado da rua. Eu fico sentada na loja dele por longas horas só para estar perto de sua presença reconfortante.

Magda, que é basicamente adulta agora e já saiu da escola, descobre onde está nosso pai e o visita. Ela o vê cambaleando sob o peso de uma mesa que ele tem que carregar de um lugar para outro. Este é o único detalhe que ela me conta da visita. Não sei o que significa esta imagem. Não sei que tipo de trabalho meu pai é forçado a fazer em seu cativeiro, nem quanto tempo ficará preso. Tenho duas imagens de meu pai: a que conheci a vida toda, com o cigarro na boca, a fita métrica em volta do pescoço, o giz na mão para riscar o molde no tecido caro, os olhos brilhando, pronto para começar a cantar ou contar uma piada. E esta nova imagem, levantando uma mesa muito pesada em um lugar sem nome, em uma terra de ninguém.

No meu aniversário de 16 anos fico em casa por causa de um resfriado, e Eric vai lá me entregar 16 rosas e um primeiro beijo apaixonado. Estou feliz, mas também estou triste. A que posso me agarrar? O que dura? Dou a foto que Eric tirou de mim na beira do rio a uma amiga. Não me lembro a razão. Por segurança? Não tive nenhuma premonição de que logo iria embora, bem antes do meu próximo aniversário. De alguma forma eu devia saber que precisaria de alguém para preservar evidências da minha vida, que precisaria plantar ao meu redor provas de minha existência como se espalhasse sementes.

Em algum momento, no início da primavera, depois de sete ou oito meses no campo de trabalhos forçados, meu pai retorna. É uma bênção, ele foi liberado a tempo para o *Pessach*, que será em uma ou duas semanas. Isso é o que pensávamos. Ele retoma sua fita métrica e o giz. Não fala sobre onde esteve.

Sento no piso azul na academia de ginástica certo dia, algumas semanas depois do retorno dele, para fazer o aquecimento com uma rotina de solo: estico as pontas dos pés, flexiono os pés, alongo as pernas, os braços, o pescoço e a coluna. Eu me sinto novamente como eu mesma. Não sou mais a baixinha vesga com medo de falar o próprio nome. Não sou mais a filha com medo por sua família. Sou uma artista e uma atleta com um corpo forte e flexível. Não tenho a aparência de Magda ou a fama de Klara, mas tenho um corpo ágil e expressivo, cujo desenvolvimento é a única coisa verdadeira de que preciso. Meu treinamento, minha habilidade, minha vida transbordam de possibilidades. Os melhores de minha turma de ginástica formaram uma equipe de treinamento olímpico. A Olimpíada de 1944 foi cancelada por causa da guerra, mas isso só nos dá mais tempo de preparação para a competição.

Fecho os olhos e estendo os braços e o tronco para a frente, entre as pernas. Minha amiga me cutuca com o dedão, eu levanto a cabeça e vejo nossa técnica vindo na minha direção. Estamos meio apaixonadas por ela. Não é uma paixão sexual. É a adoração da heroína. Às vezes voltamos para casa pelo caminho mais longo a fim de passar pela casa dela, e andamos o mais lentamente possível na esperança de vê-la de relance pela janela. Temos ciúmes do que não sabemos da vida dela. Com a promessa das Olimpíadas quando finalmente a guerra terminar, grande parte do meu propósito se baseia no apoio e na fé que minha treinadora tem em mim. Se eu conseguir absorver tudo o que ela tem a ensinar, e se conseguir retribuir sua confiança, então grandes coisas me aguardam.

– Editke – chama ela ao se aproximar, usando o diminutivo de meu nome, Edith. – Uma palavra, por favor.

Seus dedos deslizam pelas minhas costas enquanto ela me leva até o corredor. Apreensiva, olho para ela. Talvez ela tenha percebido o quanto melhorei no salto. Talvez queira que eu lidere a equipe em mais exercícios de alongamento no fim do treino de hoje. Talvez queira me convidar para jantar. Estou pronta para dizer sim antes de ela sequer perguntar.

– Não sei como lhe dizer isso – começa ela, então observa o meu rosto e olha na direção da janela, iluminada pelo pôr do sol.

– É a minha irmã? – pergunto antes mesmo de perceber a terrível cena se formando na minha cabeça.

Klara agora estuda no Conservatório de Budapeste. Nossa mãe foi a Budapeste assistir ao concerto de Klara e buscá-la para passar o *Pessach* em casa. Como minha técnica se apoia desajeitadamente ao meu lado no corredor, incapaz de me encarar, imagino que o trem tenha descarrilado. Ainda é cedo demais para elas estarem viajando de volta para casa, mas essa é a única tragédia em que consigo pensar. Mesmo em tempo de guerra, o primeiro desastre que passa pela minha cabeça é mecânico, uma tragédia do erro humano, não de criação humana, embora eu saiba que alguns professores de Klara, incluindo não judeus, já fugiram da Europa por temerem o que está por vir.

– Sua família está bem.

O tom dela não me convence.

– Edith. A decisão não foi minha, mas sou eu que devo lhe dizer que sua vaga na equipe de treinamento olímpico vai para outra pessoa.

Acho que vou vomitar. Sinto-me estrangeira em minha própria pele.

– O que eu fiz?

Repasso os meses de treinamentos rigorosos em busca do que fiz de errado.

– Não entendi.

– Meu bem – diz ela, e agora olha direto para mim, o que é pior porque posso ver que está chorando, e, naquele momento em que meus sonhos estão sendo destruídos, não quero sentir pena dela. – A verdade simples é que por causa de sua origem você não está mais qualificada.

Penso nas crianças que cuspiram em mim e me chamaram de judia suja, dos amigos judeus que pararam de ir à escola para evitar aborrecimentos e agora acompanham as lições pelo rádio. “Se alguém cospe em você, cuspa de volta”, meu pai me instruiu. “É isso que você deve fazer.” Considero cuspir na minha técnica. Mas revidar seria aceitar a notícia devastadora. E eu não a aceito.

– Não sou judia – digo.

– Lamento, Editke. Lamento muito. Ainda quero você no estúdio. Gostaria de pedir que treine a garota que a substituirá na equipe.

Mais uma vez, os dedos dela tocam minhas costas. Daqui a um ano minha coluna estará fraturada exatamente no ponto que ela agora acaricia. Dentro de semanas, minha própria vida estará em risco. Mas aqui,

no corredor de minha adorada academia, a sensação é de que minha vida já acabou.

Nos dias seguintes à minha expulsão da equipe de treinamento olímpico, preparo minha vingança. Não será uma vingança de ódio; será uma vingança da perfeição. Mostrarei à técnica que sou a melhor. A atleta mais talentosa. A melhor treinadora. Vou treinar minha substituta tão meticulosamente que provarei a todos o erro que cometeram ao me cortar da equipe. No dia em que minha mãe e Klara devem chegar de Budapeste, faço estrelas no tapete vermelho do corredor de nosso apartamento, imaginando minha substituta como minha aprendiz e eu como a principal atração.

Mamãe e Magda estão na cozinha. Magda está picando maçãs para o *charoet*, uma pasta de frutas frescas e secas, vinho e especiarias. Mamãe está preparando a *matzá*. Concentradas no trabalho, mal percebem a minha chegada. Essa é a maneira como elas se relacionam agora. Brigam o tempo todo e quando não estão brigando se tratam como se já estivessem num confronto direto. As brigas costumavam ser sobre comida. Mamãe sempre preocupada com o peso de Magda, mas agora o conflito cresceu e virou uma hostilidade crônica e generalizada.

– Onde está Klarie? – pergunto, engolindo apressada algumas nozes picadas de uma tigela.

– Em Budapeste – responde Magda.

Mamãe joga a tigela no balcão. Quero perguntar por que minha irmã não está conosco para o feriado. Ela preferiu a música a nós? Ou não teve permissão para faltar aula por causa de um feriado que nenhum de seus colegas celebra? Mas não pergunto. Tenho medo de que minha pergunta faça a raiva nitidamente latente de minha mãe explodir. Volto para o quarto que dividimos, meus pais, Magda e eu.

Em qualquer outra noite, principalmente num feriado, teríamos nos reunido em torno do piano, o instrumento que Magda toca e estuda desde que era novinha, para que ela e papai se revezassem nos acompanhamentos das músicas. Magda e eu não éramos prodígios como Klara, mas, ainda assim, tínhamos paixões criativas que nossos pais reconheciam e

estimulavam. Depois que Magda tocava, era a minha vez de me apresentar. “Dança, Dicuka!”, mamãe dizia. E, embora fosse mais uma exigência do que um convite, eu desfrutava da atenção e dos elogios de meus pais. Depois, Klara, a principal atração, tocava o violino e minha mãe se transformaria. Mas não há música em nossa casa nessa noite. Antes da refeição, Magda tenta me animar relembando do último *Pessach*, quando enfiei umas meias no sutiã para impressionar Klara, querendo mostrar que eu tinha me tornado mulher enquanto ela estava fora. “Agora você tem a própria feminilidade para ostentar por aí”, diz Magda. À mesa, ela continua a fazer palhaçadas, enfiando os dedos na taça de vinho que colocamos para o profeta Elias, como é o costume. Elias, que salva os judeus do perigo. Em qualquer outra noite, nosso pai poderia rir. Em qualquer outra noite, nossa mãe daria fim às besteiras com uma severa repreensão. Mas hoje nosso pai está distraído demais para perceber, e nossa mãe perturbada demais pela ausência de Klara para castigar Magda. Quando abrimos a porta do apartamento para deixar o profeta entrar, sinto um arrepio que não tem nada a ver com a noite fria. Em alguma parte profunda de mim mesma eu sei o quanto precisamos de proteção agora.

– Você tentou o consulado? – pergunta meu pai. Ele não está nem fingindo dar seguimento ao *seder*. Ninguém, a não ser Magda, consegue comer.
– Ilona?

– Tentei o consulado – diz minha mãe.

É como se estivesse em outro quarto.

– Conte novamente o que Klara disse.

– Novamente? – protesta mamãe.

– Novamente.

Ela fala sem expressão, os dedos mexendo no guardanapo. Klara tinha ligado para seu hotel às quatro da madrugada. O professor de Klara acabara de lhe contar que um ex-professor do Conservatório, Béla Bartók, hoje um compositor famoso, havia ligado da América para dar um aviso: os alemães na Tchecoslováquia e na Hungria iam começar a fechar o cerco; os judeus seriam levados na manhã seguinte. O professor de Klara a proibiu de voltar para casa. Ele queria que ela pedisse a mamãe para também ficar em Budapeste e que mandasse buscar o restante da família.

– Ilona, por que você voltou para casa? – resmunga meu pai.

Mamãe o fuzila com o olhar.

– E tudo o que nós nos esforçamos para conquistar aqui? Deveríamos largar tudo? E se vocês três não conseguissem chegar a Budapeste? Você queria que eu vivesse com isso?

Não percebo que eles estão aterrorizados. Escuto apenas as acusações e os desapontamentos que meus pais trocam rotineiramente entre si, como o vaivém maquinal de um tear. *Veja o que você fez. Veja o que você não fez. Veja o que você fez. Veja o que você não fez.* Depois, entendo que aquela não foi uma discussão habitual, que existe uma história e um peso para a briga que estão tendo agora. Existem as passagens para a América que meu pai recusou. Existe o oficial húngaro que se aproximou de mamãe com documentos falsos para a família inteira, insistindo que fugíssemos. Depois, soubemos que ambos tiveram a oportunidade de escolher. Agora, eles se lastimam e escondem seu arrependimento com acusações.

– Podemos fazer as quatro perguntas? – pergunto para interromper a melancolia de meus pais.

Essa é a minha função na família. Ser a pacificadora entre meus pais, e entre Magda e mamãe. Não tenho controle sobre quaisquer planos que estejam sendo feitos do lado de fora de nossa porta. Mas dentro de casa tenho um papel a desempenhar. É minha função como filha mais nova fazer as quatro perguntas tradicionais da noite de *Pessach*. Não preciso nem abrir o *hagadah*. Sei o texto de cor. Já sei quais são as perguntas.

No fim da refeição, meu pai dá a volta na mesa, beijando cada uma de nós na cabeça. Ele está chorando. *Por que esta noite é diferente de todas as outras?* Antes do amanhecer, nós saberemos.



CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (900 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (3 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (700 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (700 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (650 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (350 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (350 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (500 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

